

---

## HEIDEGGER E A PROPOSTA DA POESIA COMO FORMA DE RETORNO À EXPERIÊNCIA ORIGINAL DO PENSAMENTO

### HEIDEGGER AND THE PROPOSAL OF THE POETRY AS FORM OF RETURN TO THE ORIGINAL EXPERIENCE OF THE THOUGHT

Ivanaldo Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo apresentar a proposta de Heidegger da poesia como um caminho para o retorno à experiência original do pensamento. São apresentados dois ângulos de análise realizados por Heidegger sobre o abandono dessa experiência. O primeiro é o vazio do pensamento causado pelo triunfo da técnica na sociedade moderna. O segundo é o aparente triunfo do nominalismo lingüístico na primeira metade do século XX. Para ele, apenas o poeta, e não o cientista ou o administrador do Estado, é capaz de fazer a experiência da dignidade da palavra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heidegger, poesia e pensamento.

**ABSTRACT:** This article has for objective to present the proposal of Heidegger of the poetry as a way for the return to the original experience of the thought. Two angles of analysis are presented carried through by Heidegger on the abandonment of this experience. The first one is the emptiness of the thought caused for the triumph of the technique in the modern society. As it is the apparent triumph of the linguistic nominalism in the first half of century XX. For it, only the poet, and not it scientist or the administrator of the State, is capable to make the experience of the dignity of the word.

**WORD-KEY:** Heidegger, poetry and thought.

Como afirma Capistrano (2006), do ponto de vista da reflexão filosófica sobre a linguagem, a poesia tomou a posição privilegiada nos trabalhos do filósofo alemão Martin Heidegger. Este se ancorou na linguagem poética para superar uma ansiedade que vinha se configurando em seu

---

<sup>1</sup> Ivanaldo Santos é doutor em estudos da linguagem, professor do departamento de filosofia e do mestrado em Letras da UERN. Endereço: Rua Rio das Pedras, 157, conjunto Trairi, Emaus, Parnamirim-RN, CEP: 59148-673. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

trabalho desde a década de 1940, quando ele dedicou seu esforço intelectual à recuperação do fio perdido do pensamento ocidental.

Para se compreender como a poesia se tornou um elemento privilegiado na obra desse filósofo é preciso refazer um pouco do percurso reflexivo realizado por ele. Por causa disso afirma-se que Heidegger possui uma visão niilista da condição do homem e da sociedade moderna. Para ele, “o estranho” (HEIDEGGER, 2003, p. 31) ou “o estrangeiro” (HEIDEGGER, 2003, p. 47) está presente na sociedade moderna. Mas, quem é o estranho? E quem é o estrangeiro?

Para se ter uma compreensão sobre o que ele entende por essas duas metáforas é preciso perceber que, para ele, atualmente o Ocidente passa por um duplo processo de desgaste e abandono da experiência original do pensamento. Está experiência original teve seu ponto gerador na Grécia antiga e conduziu o ser humano a refletir sobre si mesmo, sobre sua posição no mundo e sobre a existência. Heidegger percebe esse abandono por dois ângulos.

O primeiro ângulo é o vazio do pensamento causado pelo triunfo da técnica<sup>2</sup> na sociedade moderna. Para ele, a modernidade é uma era histórica marcada pela técnica e, por conseguinte, o pensamento é esvaziado de sua forma e conteúdo. Nessa era histórica, todas as coisas e todos os valores se tornam uma mera questão de procedimento técnico. A consequência é que a existência perde seu sentido e a vida torna-se um simples procedimento burocrático dentro do aparato científico e do Estado. Essa consequência é o que ele classifica como *esquecimento do ser*.

Heidegger desenvolve esse ângulo de análise desde *Ser e tempo* (2006), sua obra principal, publicada originalmente em 1927, mas é nas conferências sobre a linguagem proferidas originalmente na década de 1950 e reunidas sobre o título de *A caminho da linguagem* (2003) que ele dá continuidade a esta análise. Segundo ele, a destruição física da Europa devido à violência causada pela segunda guerra mundial (1939-1945) foi apenas à consequência da presença do “estranho” ou do “estrangeiro”, isto é, do triunfo da técnica e da burocratização da existência. Toda a destruição física e o vazio populacional que a segunda guerra mundial trouxe para a Europa foram apenas à consequência visível do esquecimento do ser.

O segundo ângulo é o aparente triunfo do nominalismo lingüístico na primeira metade do século XX. Neste período histórico despontam o pensamento de Ferdinand de Saussure, com seu *Curso de lingüística geral*, e a primeira fase do pensamento de Ludwig Wittgenstein, especialmente com o *Tractatus lógico-philosophicus*. Durante as conferências sobre linguagem na década de 1950,

---

<sup>2</sup> Neste artigo não será abordada a discussão realizada por Heidegger sobre a técnica e suas relações com a tradição filosófica ocidental.

Heidegger trava uma querela com o nominalismo lingüístico, especialmente com estes dois pensadores. É preciso ressaltar que neste ensaio não haverá um aprofundamento da discussão sobre a querela entre Heidegger e o nominalismo lingüístico da primeira metade do século XX, especialmente com Saussure e Wittgenstein. Sobre está querela recomenda-se ler Rorty (1999) e Capistrano (2006).

Para ele, o pressuposto, presente no nominalismo lingüístico, de que o ser humano está preso numa esfera de signos e de que esses signos são auto-referentes e têm as suas regras de funcionamento definidas, não com base numa forma lógica fixa ou numa substância do mundo, mas na arbitrariedade do seu uso social e científico é o mais recente sintoma do esquecimento do ser. O homem moderno ao invés de buscar superar essa crise e procurar reconstruir a experiência original do pensamento, realizada na Grécia antiga, perde o pouco potencial reflexivo que ainda possui preocupado com as regras e a arbitrariedade do signo. É devido a isto que, para Heidegger, o nominalismo lingüístico da primeira metade do século XX é a forma mais recente, mais jovem, do “estranho” ou do “estrangeiro” se manifestar, ou seja, é a mais recente manifestação do esquecimento do ser.

Como resolver a crise causada pelo esquecimento do Ser? Como afastar o estranho e o estrangeiro da sociedade ocidental? Ou como designa Heidegger, como “lembrar o esquecido” (2003, p. 33), ou seja, como o homem pode voltar a experimentar o pensamento original.

Heidegger não propõe uma solução para a crise causada pelo esquecimento do Ser. Para ele, esta crise alcançou proporções tão gigantescas que o homem moderno se quer tem noção da sua existência. O homem moderno está tão preso às exigências da física, da matemática e da burocracia estatal que não percebe que o pensamento original está esvaziado. Apontar uma solução definitiva para esta crise é muito difícil. Entretanto, apesar dessa dificuldade, ele não cai no niilismo radical. O niilismo que afirma que “nada tem sentido” e que “tudo está perdido”. Heidegger aponta “um caminho” (2003, p. 136) para solucionar esta crise. Esse caminho é a poesia. Em suas palavras:

Mas, se em jogo está uma experiência pensante com a linguagem, por que fazer referência a uma experiência poética? Porque o pensamento segue seu caminho na vizinhança da poesia. [...] Ambos, poesia e pensamento, precisam um do outro ao extremo, precisam de cada um em sua vizinhança. (HEIDEGGER, 2003, p. 133).

Para Heidegger a poesia é um caminho possível para o ser humano realizar uma “experiência com a linguagem” (2003, p. 121) e, dessa forma, poder voltar a desfrutar novamente da experiência original do pensamento, justamente porque a “única forma de fala genuína é o poema” (HEIDEGGER, 2003, p. 12).

Segundo Rorty (1999, p. 23), “Heidegger se afasta do cientista e se aproxima do poeta”. O pensador filosófico é a única figura que está no mesmo nível que o poeta. Os feitos dos grandes pensadores têm tão poucos a ver seja com a física, a matemática ou a arte de governar quanto os empreendimentos dos grandes poetas.

Em Heidegger a “prosa também é poesia” (2003, p. 24). Deve-se entender “prosa” no sentido amplo do termo, ou seja, todo texto escrito que não seja poético. Por essa interpretação heideggeriana, todo saber produzido pela ciência, pela técnica e pelo Estado é, de alguma forma, poesia. Ela está presente em toda a construção humana e, por isso, é uma possibilidade de retorno ao pensamento original.

O que Heidegger propõe não é uma superação do esquecimento do ser por uma forma de pensamento inovadora e diferente. Pelo contrário, sua proposta é de retorno ao primado da poesia. De certa forma, ele propõe o retorno da experiência reflexiva a um momento histórico anterior a Platão.

É preciso perceber que foi Platão, no século IV a.C., o primeiro a propor no Ocidente, de forma consciente, a separação entre poesia e reflexão e a dá a poesia o status de inferioridade diante da matemática e de outras formas de saber que, posteriormente, seriam classificadas como científicas. Antes de Platão a poesia era a forma de expressão mais sofisticada que o homem possuía. Ela era percebida como a própria manifestação do real e como a linguagem por excelência do ser humano.

Esta percepção positiva da poesia é modificada em Platão. No diálogo *A República*, um dos clássicos da literatura ocidental, ele afirma que a poesia é “um fantasma sem sombra” (*República*, 598e). Para Platão, a poesia “causa o maior mal” (*República*, 605c) e é totalmente “indigna de nossos cidadãos, nada tendo de séria nem de chagado à verdade” (*República*, 608b). Por sua vez, os poetas são pessoas que “falam enigmaticamente” (*República* 332c), “mentirosos que realizam falsos juramentos” (*República*, 334b) e “imitadores de fantasmas que jamais chegam à realidade” (*República*, 601a).

A conclusão platônica é que é necessário “pedir conselhos à razão” (*República*, 605c), isto é, ao invés do homem guiar sua vida pela poesia, deve “preferir aquilo que o filósofo, o

amigo da razão, reconhece como digno de atenção" (*República*, 582e). Portanto, a razão será o grande guia do homem e não a poesia.

De acordo com Olinto (1983), em Platão tem-se o primeiro momento, dentro da história do Ocidente, da separação entre verdade e poesia. A partir de Platão a poesia passa a estar ligada à fantasia, enquanto a verdade ficará ligada à razão, ao pensamento lógico, radical, sistemático e organizado. Para Santoro (1994), historicamente o Ocidente viu na verdade uma forma de pensar capaz explicar a realidade. Dessa forma, haveria uma íntima relação entre verdade e realidade. Já a poesia seria uma forma de tentar fugir da realidade. Ela seria uma das possibilidades de manifestação da alienação.

Entretanto, em Heidegger a poesia volta a ganhar o status de manifestação do pensamento original. Novamente, ela é apresentada como a própria manifestação do real e como a linguagem por excelência do ser humano.

Segundo ele, é preciso retornar à poesia porque somente no poema é possível alcançar a “fala da linguagem” (2003, p. 14) e apenas o poeta, enquanto portador da poesia, é capaz de realizar a experiência concreta com a palavra. De acordo com a sua argumentação:

Para o poeta, a palavra se diz como aquilo a que uma coisa se atém e contém em seu ser. O poeta faz a experiência de um poder, de uma dignidade da palavra, que não consegue ser pensada de maneira mais vasta e elevada. A palavra é, ao mesmo tempo, aquele bem a que o poeta se confia e entrega, como poeta, de modo extraordinário. (HEIDEGGER, 2003, p. 129).

Para Heidegger apenas o poeta, e não o cientista ou o administrador do Estado, é capaz de fazer a “experiência da dignidade da palavra”. O que o cientista ou o administrador do Estado fazem é esquecer a palavra, esvaziar o pensamento e o esquecimento do ser. Somente o poeta, o portador da poesia, é capaz de romper com o ciclo de esquecimento, esvaziamento e crise que o Ocidente atravessa.

Entretanto, apesar da possibilidade que Heidegger aponta para sair da crise do esquecimento do ser vivida pelo Ocidente é necessário ter consciência que na segunda metade do século XX e início do XXI a poesia continuou sendo encarada pelo homem ocidental como uma manifestação inferior do pensamento e a ciência, a técnica e o Estado continuam sendo encarados como as formas superiores da existência e da realidade. É por causa disso que Capistrano (2006) considera a alternativa apontada por Heidegger para solucionar o

esquecimento do ser como uma visão nostálgica dessa crise. Ao invés do filósofo alemão buscar novas formas de reflexão para superar e se contrapor ao tecnicismo e a burocracia estatal que dominam a sociedade moderna, ele se refugia na poesia. Ele vê na volta ao passado pré-platônico um refúgio, uma trincheira contra toda a solidão, toda a alienação, toda a falta de liberdade e de reflexão presentes na sociedade contemporânea.

Por fim, afirma-se que apesar da proposta de Heidegger ter um forte caráter nostálgico, ela trás para dentro da discussão dos estudos da linguagem, de um lado, a consciência que há possibilidade de reflexão além das regras estabelecidas pela ciência e pelo Estado e, de outro lado, os limites do nominalismo lingüístico da primeira metade do século XX, especialmente do nominalismo de Saussure e de Wittgenstein.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CAPISTRANO, Pablo. Heidegger, poesia e nostalgia. IN: **Vivência**, n 30, 2006: p. 87-96.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- OLINTO, Antonio. **A invenção da verdade: crítica à poesia**. São Paulo: Nórdica, 1983.
- PLATÃO. **A República**. 8. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- RORTY, Richard. **Ensaio sobre Heidegger e outros escritos filosóficos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- SANTORO, Fernando. **Poesia e verdade: interpretação do problema do real**. Rio de Janeiro: 7Letras, 1994.